



Entrevista com Frei Marcelo Toyansk Guimarães – Campanha da Fraternidade 2026

Introdução:

Realizada anualmente durante a Quaresma, a Campanha da Fraternidade é um caminho de conversão, solidariedade e compromisso social. Em 2026, a campanha convida toda a Igreja no Brasil a refletir e agir a partir do tema “**Fraternidade e Moradia**”, chamando atenção para um direito essencial e, ao mesmo tempo, ainda negado a milhões de famílias: viver com dignidade em um lar seguro, adequado e humano.

O **padre Jean Poul Hansen**, assessor do Setor de Campanhas da CNBB, destacou que a escolha do tema foi motivada por um pedido da Pastoral da Moradia e Favela. No Brasil, segundo a pastoral, **6 milhões** de famílias não têm moradia, somadas a outras **20 milhões** que vivem em residências inadequadas, sem saneamento básico, com espaços superlotados ou estruturas precárias.

O lema “**Ele veio morar entre nós**”, segundo o padre Jean Poul, ajuda a iluminar a reflexão, a partir da encarnação: “Deus veio morar entre nós, e isso fundamenta a dimensão social da nossa fé. A Campanha da Fraternidade nos convida a construir aqui, entre nós, sinais do Reino de Deus, promovendo dignidade, especialmente nas realidades onde ela é negada”, afirmou em entrevista ao site da CNBB.

Para se aprofundar no tema, confira a entrevista completa com **Frei Marcelo Toyansk Guimarães**, coordenador nacional da Pastoral da Moradia e Favela, e com a assistente social **Evaniza Rodrigues**, da União Nacional por Moradia Popular. As entrevistas ajudam a compreender por que a moradia digna é urgente e como essa realidade afeta famílias e crianças.

ENTREVISTA COM: Frei Marcelo Toyansk Guimarães, coordenador nacional da Pastoral da Moradia e Favela.

Frei Marcelo, o que motivou a escolha do tema “Fraternidade e Moradia” para a Campanha da Fraternidade 2026?

FREI MARCELO:

Durante a VI Semana Social Brasileira (2020–2023), a Igreja do Brasil se dedicou bastante à reflexão sobre Teto, Terra e Trabalho, direitos fundamentais inspirados nos dizeres do Papa Francisco. Ao mesmo tempo, constatamos o enorme déficit habitacional, crescente na realidade brasileira. Hoje, cerca de um terço da população mora com precariedade, em favelas, áreas de risco; enfim, em várias situações que exigem uma presença mais efetiva tanto do Estado quanto de toda a sociedade, incluindo a nossa própria Igreja. E, diante dessa necessidade, dessa urgência, vimos a importância de uma Campanha da Fraternidade com o tema Moradia, em 2026.



Frei Marcelo, qual é o sentido e o valor de termos uma moradia, uma casa?

FREI MARCELO:

A moradia é o local em que repomos nossas energias, descansamos, encostamos a cabeça à noite. Também é onde convivemos com mais liberdade e, ao mesmo tempo, podemos cultivar valores. Se a moradia é muito distante, de difícil acesso, tudo isso influencia na forma como a gente se localiza e acessa os serviços públicos e as oportunidades.

Frei Marcelo, o que é uma moradia digna, adequada?

FREI MARCELO:

Hoje, dizemos que cerca de 6 milhões de famílias precisam de uma moradia. São pessoas que moram de favor, em moradias muito precárias, de lata, papelão, ou mesmo que comprometem sua renda com aluguel. Somado a isso, mais de 20 milhões de famílias moram em condições inadequadas e precisam ter suas moradias melhoradas. Esse número representa quase um terço da população brasileira — cerca de 70 a 80 milhões de pessoas. Às vezes é uma casa muito pequena, ou sem banheiro, ou em localização ruim, em área de risco, com precariedade e sem serviços públicos. Falta habitabilidade, ou seja, condições mínimas para ser uma moradia digna e de fato habitável.

Frei Marcelo, quais são os impactos de uma moradia inadequada para o bem-estar da família e para o desenvolvimento integral de uma criança?

FREI MARCELO:

A moradia digna influencia fortemente a vida e a realidade das famílias. Vemos, por exemplo, pessoas que levam de duas a quatro horas em conduções, muitas vezes precárias, para ir ao trabalho. Isso impacta a vida familiar. Podemos lembrar também daqueles que vivem em barracos de madeira, tão afetados pelas chuvas, e em espaços pequenos em que mal dá para conviver e ficar juntos. Muitas crianças passam grande parte do tempo nas ruas porque não há espaço na moradia para convivência e permanência. Há ainda os que vivem sob ameaça de despejo, em situação vulnerável.

E, quando olhamos para a realidade das crianças, um estudo recente nos cortiços de São Paulo constatou uma evasão escolar até quatro vezes maior entre crianças que moram nesses locais. Ao mesmo tempo, em moradias muito apertadas, cresce a possibilidade de situações de abuso em vários sentidos. Enfim: moradia é direito, para já.



ENTREVISTA COM: Evaniza Rodrigues, assistente social, membro da União Nacional por Moradia Popular, e fez parte da equipe de redação do texto-base da Campanha da Fraternidade sobre Moradia de 2026.

Evaniza, em que medida esse tema dialoga com a realidade histórico-social do Brasil hoje?

EVANIZA:

O tema “Fraternidade e Moradia” traz uma realidade muito importante para a reflexão da nossa Campanha da Fraternidade. São milhões de famílias que ou não têm teto, ou vivem de forma inadequada, e que precisam de atenção. Quando as cidades vão sendo mercantilizadas, quando vão sendo exploradas, muita gente fica para fora. É uma força que expulsa as pessoas mais pobres para os lugares mais distantes e mais precários. E nós não podemos fechar os olhos para essa realidade.

Por que o preço da moradia aumentou tanto nas últimas décadas?

EVANIZA:

Quando a gente olha por que as pessoas não têm acesso à moradia, geralmente vamos falar de financiamentos habitacionais com regras extremamente excludentes, ou seja, que não permitem o acesso para quem tem baixa renda, renda instável, ou problemas cadastrais. Quando a moradia é tratada como mercadoria, como uma coisa que se compra e se vende, ela passa a ser inacessível para grande parte da população.

E como a nossa população respondeu a isso? Respondeu de várias formas: com a autoconstrução, em melhores ou piores condições; com a ocupação de terras; muitas vezes, com a ocupação em áreas inseguras, áreas de risco, porque é aquilo que sobrou para essa população. Aquilo que não teve mercado para ela, sobrou para o povo morar. E, nas piores condições, nas condições mais precárias ainda, o destino acabou sendo a rua.

Então, quando a gente fala do preço da moradia, do preço da terra e da falta de acesso, estamos falando da ausência de políticas públicas que possam garantir esse direito para todos e todas. Para que todas as famílias tenham direito a morar com dignidade.

Os programas de moradia e melhorias habitacionais atendem a realidade atual da moradia?

EVANIZA:

O Brasil tem uma história pequena ainda de política pública de habitação. Se a gente pensar, há menos de 80 anos não existia nenhuma política pública para habitação. As políticas foram sendo construídas muito mais na linha de financiamentos habitacionais do que, efetivamente, de políticas que universalizem esse direito e sejam acessíveis a toda a população.

Existem muitos programas habitacionais, alguns melhores, outros piores. Ao longo da história, houve programas muito importantes. Hoje, temos o Minha Casa Minha Vida que, na Faixa 1 — a faixa da mais baixa renda — é acessível para famílias, inclusive, que não têm renda ou que têm pouquíssima renda. Só que esses programas, historicamente, são insuficientes tanto para a construção de novas moradias quanto para melhorias habitacionais, urbanização de favelas e assentamentos, e regularização fundiária.

É preciso um esforço conjunto de governos estaduais, municipais e do governo federal para enfrentar de forma organizada, estruturada e com recursos suficientes a falta de moradia, com políticas de habitação, para que a gente chegue a quem mais precisa.

O Artigo 25 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada em 10 de dezembro de 1948, afirma que toda pessoa tem direito a um padrão de vida suficiente

para garantir saúde e bem-estar. Evaniza, o que mudou nas últimas décadas em relação à moradia?

EVANIZA:

Um dos grandes desafios desta Campanha da Fraternidade é reforçar o conceito de que moradia é um direito. A gente vai ter um desafio grande, grande mesmo, nesta campanha: fazer com que todo mundo entenda que moradia é uma necessidade básica, é um direito, é uma condição humana que todas as pessoas merecem ter.

(MENSAGEM) Maria Inês Monteiro de Freitas, Coordenadora Nacional da Pastoral da Criança.

MARIA INÊS:

A questão da moradia no Brasil é um dos principais desafios sociais do país, seja pela desigualdade, pela falta de planejamento urbano ou pela dificuldade de acesso às políticas públicas que resolvam a situação. A moradia envolve muito mais do que ter um teto. A Campanha da Fraternidade é um convite à ação, a somar esforços para vencer os desafios, com fé e esperança, em prol de uma vida em abundância para todos.



(TESTEMUNHO) Maria José Barbosa, líder da Pastoral da Criança na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, em Realengo, Rio de Janeiro.

Maria José, como a Pastoral da Criança pode ser uma rede de apoio para buscar garantir uma moradia digna às famílias?

MARIA JOSÉ:

Infelizmente, ainda existem muitas comunidades onde as pessoas não têm uma moradia digna. As líderes comunitárias conhecem de perto a realidade das famílias e, durante as visitas domiciliares e na Celebração da Vida, orientam sobre seus direitos. E, nas reuniões, definimos como continuar buscando outras instituições de apoio a essas famílias, além do poder público.



(MENSAGEM) Dom Frei Severino Clasen, Presidente da Pastoral da Criança.

DOM FREI SEVERINO:

A Campanha da Fraternidade nos convida a refletir, sob a luz da fé, a séria questão da moradia que atinge tantas famílias no Brasil: “Ele veio morar entre nós.” O próprio Cristo assumiu um lar humano, ainda que humilde. A fé nos convida a reconhecer que cada pessoa merece um espaço seguro para viver, onde todos, especialmente as crianças, possam crescer em um lugar em que a vida possa se desenvolver com dignidade e esperança.

Esta entrevista é parte do Programa de Rádio Viva a Vida da Pastoral da Criança.
Programa de Rádio 1795 – 16/02/2026 - Campanha da Fraternidade 2026